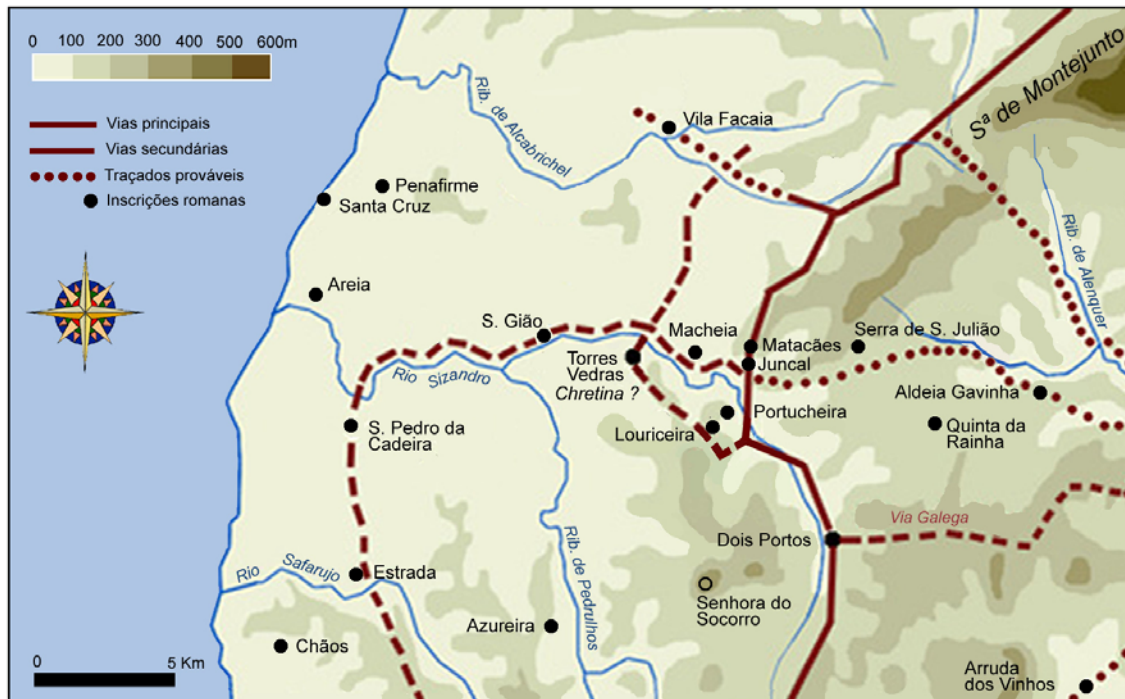


## ***Chretina* – em busca de um nome anterior a *Turres Veteras***



**Fonte:** Vasco Gil Mantas – A população da Região de Torres Vedras na Época Romana. In *Turres Veteras IV: Actas de Pré-História e História Antiga*. Torres Vedras: Câmara Municipal, 2002. p. 141.

O topónimo *Chretina*, atestado unicamente por Ptolomeu, tem sido preferencialmente apontado para a região, apesar da hipótese tradicional, que remonta a Ukert, a fazer corresponder com Crato. Mais recentemente, J. Cardim Ribeiro (1982-83) identifica *Chretina* com Sintra e Vasco Gil Mantas com Torres Vedras (2000).

Não é fácil, decerto, a identificação do *oppidum* (praça fortificada) que está na origem da povoação de Torres Vedras. Na ausência de qualquer testemunho que identifique o nome do *oppidum*. Sabemos, igualmente, que *turris* era sinónimo de *villa* no Baixo Império, mas dificilmente se atribuiria à povoação no período romano.

Uma referência, ainda, à identificação de *Turres Veteras* com *Arandis*, o que nos parece inaceitável uma vez que o *Itinerario de Antonino*, bem como a *Geografia* de Ptolomeu a situam no Alentejo.

*Chretina* é-nos dada a conhecer apenas por Ptolomeu que a situa a cerca de 50 Km a norte de *Olisipo*, pela estrada *Olisipo-Conimbriga* por Loures, situação que se ajusta ao sítio de Torres Vedras, uma aglomeração secundária, mas cujo destaque se deve à sua importância viária e económica, comprovada pelos testemunhos arqueológicos e epigráficos.

Quanto às populações que ocupavam este espaço, as fontes usam apenas a terminologia geral de Lusitanos (*Lusitani*), sendo presumível, como refere Amílcar Guerra, que este termo se reporte a uma determinada organização administrativa implantada pelos romanos. Certo é que o nome *Ierabriga* (junto a Alenquer) aponta para uma origem celta, quer por razões fonéticas, quer pela distribuição dos nomes em *-briga*, elemento provavelmente usado para a formação de nomes de lugares habitados. Quanto a *Eburobrittium* (cidade romana na actual várzea de Óbidos), um nome composto, sendo possível separar o elemento *Ebora*, frequente na toponímia, e que se relaciona com o gaulês *eburos* ("teixo"), com o elemento *Brittones*, denunciando a origem celtizante do topónimo. Uma origem celta que esconde, muito provavelmente sob esta designação as populações pré-romanas, com uma língua integrável no grupo céltico, uma vez que nos referimos a elementos linguísticos.

Em oposição ao conjunto de nomes passíveis de integração no grupo celta, ocorrem outros, com uma relação com o mundo meridional, no qual se integra o topónimo *Olisipo* (Lisboa), com o elemento *-ipo*, característico da toponímia da área meridional da Península Ibérica. Talvez o topónimo esconda uma componente mediterrânica, com uma forte ligação ao comércio.

Certo é que dispomos de dois achados em Torres Vedras, marcadamente orientalizantes, provenientes da escavação de uma

sepultura: um *oinochoe* e uma asa de "braseiro". Uma realidade que evidencia a importância das comunicações marítimas.

A região, entre o Douro e o Tejo, correspondia, na segunda metade do séc. II a.C., ao espaço ocupado pelos *Turdulorum oppida*. Os dados arqueológicos e epigráficos confirmam-no.

O domínio romano começou aqui em 137 a.C., com a expedição de Décimo Júnio Bruto, estando a região de Torres Vedras incluída no *territorium* do município de *Felicitas Iulia Olisipo*, instituído por Octaviano antes de 27 a.C., cujo limite setentrional era marcado pela ribeira de Alcabrichel em direcção à serra de Montejunto e ribeira da Ota, descendo até ao Tejo.

Os testemunhos epigráficos reflectem a influência de *Olisipo*, encontrando-se aqui um índice elevados de cidadãos romanos, indicador de uma profunda romanização da região.

Os testemunhos epigráficos e arqueológicos comprovam a presença de uma população numerosa, habitando grande parte em *villae*, sendo alguns proprietários ricos burgueses do município de *Olisipo*.

A dispersão dos vestígios atesta a presença de um povoamento disperso, como em outras áreas de influência céltica. A agricultura constituía a base da economia regional, escoando para o grande mercado de *Olisipo*.

A ausência de dados arqueológicos explica o desconhecimento das consequências das invasões suélicas que marcaram o fim do Império romano na Lusitania, sujeita à decadência do mundo urbano, com naturais implicações no povoamento das *villae*. Deduzimos, porém, a sobrevivência de algumas *villae*, como a *villa* de S. Gião (junto à Fonte Grada), a avaliar pelo hagiotopónimo.

A povoação ocupava o morro do actual castelo, onde se situam, na vertente norte, duas cisternas que Vasco Gil Mantas interpreta como romanas e a zona antiga do núcleo urbano de Torres Vedras. Muito provavelmente uma ocupação descontínua, mas que

testemunha a ocupação e o povoamento daquele espaço desde a Idade do Ferro (*oppidum*). Vejamos no próximo capítulo a população da região.

**Saiba Mais:**

Vasco Gil Mantas, *A rede viária da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*, 2 vols., dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, texto policopiado , 1996.